

Sujeito e linguagem em *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault

Everton Almeida Pereira*

Resumo: A obra de Michel Foucault é rica por diversos aspectos e atestada por diversos filósofos e pensadores contemporâneos, como Gilles Deleuze, Jürgen Habermas, Jean Baudrillard, Maurice Blanchot etc. Sua obra é marcada pela minúcia de suas análises críticas, tanto no que se refere à análise do bio-poder, da sexualidade, da sociedade de controle, quanto por sua contribuição acerca da linguagem e das ciências humanas. Foucault sempre se manteve inclassificável, e isso se deu por conta da pluralidade dos temas abordados no interior da sua vasta obra. Porém, além dos temas elencados por Foucault, o tema da linguagem é central em seu pensamento, principalmente no que concerne a relação desta com o sujeito, como evidenciada na sua obra *As Palavras e as coisas*. É esta relação entre o sujeito e a linguagem no interior d'as palavras e as coisas que será o objeto de reflexão no presente artigo, pois tal relação se apresenta como sendo o cerne no pensamento de Michel Foucault, para se compreender não somente o sujeito, como produto da modernidade, mas também problematizar o estatuto das ciências humanas, ou ciências do homem, uma vez instauradas por meio da linguagem e consequentemente por meio da relação entre esta e o sujeito.

Palavras-chave: linguagem, sujeito, Michel Foucault

Introdução

Foucault figurou no cenário filosófico contemporâneo como um dos mais importantes intelectuais franceses do século XX, e isso se deu por sua vasta produção intelectual, que é composta por inúmeras obras que, relacionando diversas áreas do saber humano, como a filosofia, a história, a psicanálise, a medicina, o direito, abordam os mais variados temas, tais como a loucura, a sociedade de controle, a sexualidade, a linguagem, o poder etc. Foucault se apresentou de fato como um intelectual ligado ao seu tempo, engajou-se na luta contra a opressão penitenciária na França, e foi escritor e professor no Collège de France. Figura sempre requisitada no cenário intelectual, foi amigo de Paul Veyne, Jean Paul Sartre, Gilles Deleuze, entre outros. Foi admirado por aqueles que concordavam com suas ideias e até por aqueles que a elas não eram tão simpáticos, como Derrida, Marcel Gauchet e o americano Noam Chomsky.

Debatedor, polêmico, Foucault ficou conhecido como um homem de ideias. Afetou sua contemporaneidade, não permitindo que os seus interlocutores ficassem indiferentes a elas. Teve como marca da sua experiência intelectual a busca pela clareza, pelos processos formadores da nossa sociedade e da nossa compreen-

são do homem e de tudo o que esta compreensão pôde engendrar. Foucault esteve sempre preocupado em elucidar a nossa origem, a origem dos nossos saberes, das nossas instituições e acima de tudo elucidar a origem do nosso saber sobre nós mesmos.

É esse pensador extemporâneo, vivo no campo das ideias, que queremos ter como interlocutor, pois entendemos que o fazer filosófico é sempre um fazer dialógico (dialogal) que tem a força de mobilizar mortos e vivos em torno de inúmeras questões, fazendo com que aqueles que não existem mais tornem a existir num brevíssimo espaço de tempo.

1. O fazer filosófico como exercício de leitura

Foucault, no prefácio de *As palavras e as coisas*, admite:

Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia –, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e

* Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: { eapfrance@yahoo.com.br }.

inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro (Foucault, 2007, p. 1).

Após a leitura deste pequeno extrato, Foucault nos comunica que o fazer filosófico é um exercício de leitura, sobretudo um exercício de confrontação textual que nos convida, como leitores, a defrontar-nos com os textos legados pelos filósofos ao longo da História da Filosofia, mas que requer de nós certa impostura diante deles para que possamos rir deles e rir com eles quando o riso for inesperado e necessário.

Tal exercício filosófico nos propicia também desconfiar da ordem das coisas, das suas vizinhanças, daquilo que está assente, do que é normativo; desconfiar das linhas de divisão que fazem com que algo seja tido como normal ou anormal, racional ou irracional, lógico ou ilógico. Foucault deixa claro, desde o início, que o que está em jogo é o estranhamento que perturba a nossa percepção do mundo, *do mesmo e do outro*, que provoca o riso por inverter a ordem familiar das coisas, é essa experiência de estranhamento que culmina no riso cara à Filosofia, pois ela é capaz de engendrar em nós a experiência de olhar o mundo com outros olhos, fazendo que em nós seja abalada a percepção do outro e do mesmo, e ao mesmo tempo a percepção que temos de nós. Será que essa experiência do estranhamento, não seria, por ínfima que seja, “um lampejo” do que é a experiência do louco quando ri do nosso mundo que, nós, normais, julgamos ordenado? Será que o riso é um sinal de que a razão comporta uma dimensão obscura, irracional? Ou talvez seja ele um sinal de que há diferentes modos de conceber e organizar o mundo e que quando esses diferentes modos se tocam tem-se essa irrupção inesperada do riso? Talvez. Uma coisa é certa, no caso de Foucault, o riso nasceu de uma leitura do texto de Borges, do exercício de se confrontar com o texto, de se permitir abalar, se inquietar, no exercício filosófico da leitura que tem a possibilidade de fazer vacilar as nossas convicções.

2. Sujeito e linguagem no interior de *As palavras e as coisas*.

Inseridos também nesse exercício de leitura, devemos admitir que esse pequeno texto surgiu a partir das leituras dos textos de Michel Foucault, mais especificamente de *As palavras e as coisas*. Dentre as inúmeras questões suscitadas por Foucault ao longo da referida obra, há especificamente uma que consideramos ser a questão central a partir da qual se organiza toda a obra, a saber: “Que relação existe entre a linguagem e o ser do homem?” (Foucault, 2007, p. 468).

Tal questão faz com que Foucault perscrute, na história da filosofia, autores que lhe são caros, como Condillac, Kant, Adam Smith, Nietzsche, entre outros. Podemos afirmar, então, que Foucault, ao se debruçar

sobre a obra desses autores, empreende um projeto com a finalidade de investigar a relação existente entre linguagem e sujeito, entre ontologia e linguagem, entre as palavras e as coisas. Para que seja possível dizer algo sobre tais relações, Foucault será levado a investigar minuciosamente, como que procedendo a um corte transversal na história, o que foi a linguagem e o seu “desenvolvimento”, as suas implicações e contribuições para as diversas áreas do saber humano (as Ciências Humanas) e concomitantemente a operar com noções como a de “vida” e “ser humano” (este entendido como sujeito empírico-transcendental), para, enfim, verificar como o “desenvolvimento” da linguagem foi tributário de uma noção de sujeito própria da modernidade.

Dessa forma, podemos dizer, a princípio, que a noção de sujeito-empírico foi processualmente forjada na sombra do desenvolvimento da linguagem. Ou, ainda, que a questão da linguagem tem como substrato a questão ontológica e vice-versa. E é justamente nesse momento que podemos perceber que essa questão tem como fundamento uma noção de sujeito bem particular, que compreende esse sujeito como tendo sido forjado pela(s) estrutura(s) que possibilita(m) as condições, as leis, as normas que regem e tornam possível o desenvolvimento da linguagem, o conhecimento do mundo empírico e, por consequência, o conhecimento de si. *As palavras e as coisas* é não somente uma obra acerca da linguagem e do sujeito, mas, ao mesmo tempo, uma obra acerca das condições que permitiram que esse sujeito e essa linguagem surgissem no limiar da modernidade.

Portanto, diante de nós, desvela-se a obra de Foucault, que mobiliza no seu interior a tentativa de compreender o fenômeno humano, bem como sua relação com o mundo por meio da linguagem, mas, para além do próprio sujeito e para além da própria linguagem, visa a elucidar também quais foram as condições necessárias ao seu aparecimento. Assim, colocamo-nos determinadamente no cerne do projeto foucaultiano, que é o de caracterizar a episteme que operou os conceitos e as noções (conhecimentos) que permitiram, no auge da modernidade, o aparecimento desse recente sujeito do conhecimento.

O nosso intento é, de fato, compreender melhor essa relação no interior de *As palavras e as coisas*, por entendermos que ela, dentre outras obras de fôlego do autor, constitui-se evidentemente como um importante legado da história da filosofia – obra central para o debate filosófico contemporâneo, que colocou questões pontuais para a filosofia francesa contemporânea, mas também por pensarmos que ela lança um olhar crítico sobre o próprio estatuto das ciências humanas.

Ao seguir pelas vias que parecem ter motivado Foucault a investigar o recôndito da nossa modernidade, encontraremos elementos para problematizar e compreender melhor o que vem a ser esse sujeito, o que o

fez nascer, o que lhe é dado a conhecer e quais são os meios disponíveis, os instrumentos à sua disposição que lhe permitem conhecer o mundo e se relacionar com ele e, conseqüentemente, conhecer a si mesmo. Ou seja, faz-se necessário problematizar essas duas noções, a de sujeito e a da linguagem, e saber como elas se relacionam. Para tanto, um procedimento a ser feito é o de realizar um corte e nos ater ao período moderno para que possamos perceber como Foucault compreende o surgimento desse sujeito recente e como é engendrada a questão da linguagem, pois ao que tudo indica é com os olhos voltados para esse período que Foucault intui o nascimento desse novo sujeito.

3. A noção de “sujeito” em *As palavras e as coisas*

Patrice Maniglier, a partir do seu texto “A aventura estruturalista”, descreve a atmosfera intelectual francesa quando da publicação de *As palavras e as coisas*:

Michel Foucault, em *As palavras e as coisas* (1966), tinha acabado de fazer do estruturalismo a nova filosofia parisiense, que deveria obscurecer o existencialismo: essa filosofia afirmava que o sujeito não é aquilo que dá sentido ao universo (pela angústia de sua liberdade); o sujeito apenas se limita a realizar possibilidades já inscritas em códigos tão inconscientes quanto as regras gramaticais (2009, p. 9).

Eis o dado e a data. A data 1966, ano da publicação de *As palavras e as coisas*, livro fundamental para o debate filosófico contemporâneo. O dado – como bem salientou Maniglier –, a noção de sujeito que engendrou uma nova concepção de sujeito no cenário filosófico, bem diferente do sujeito existencialista, que era o criador de sentido e que se valia da sua liberdade angustiante frente ao mundo para dar significado a si, ao mundo, às coisas (objetos) e, enfim, a toda a sua existência nadificante. Esse sujeito, de fato, não é o sujeito que o programa estruturalista pensou, nem tampouco o sujeito foucaultiano se assim podemos dizer.

Em contraposição ao existencialismo, que pensa o sujeito a partir da sua produtora angústia frente ao nada da existência, o estruturalismo pensará esse sujeito sob a matriz da estrutura, ou seja, pensará o sujeito a partir daquilo que o precede, e que o constitui levando em consideração as condições necessárias ao conhecimento. Esse é um dado deveras caro ao estruturalismo; é o que marca não só a distinção entre o programa estruturalista e o existencialismo, mas é, principalmente, o dado segundo o qual se pode falar do sujeito a partir do projeto estruturalista, sobretudo em *As palavras e as coisas*. Como Maniglier explicita:

“O sujeito apenas se limita a realizar possibilidades já inscritas em códigos tão inconscientes quanto as regras gramaticais” (2009, p. 9).

Regras gramaticais, jogo de xadrez, essas são algumas imagens mobilizadas pelo estruturalismo para caracterizar esta relação controversa entre o sujeito e a estrutura por meio das normas, das regras e do jogo. De modo que esse sujeito, quase dissolvido pela sua função reprodutora e conseqüentemente pela estrutura, foi o que marcou definitivamente a diferença entre o existencialismo e o estruturalismo, as duas mais importantes correntes filosóficas do século XX. Nas palavras do próprio Foucault podemos ler:

Dir-se-á, pois, que há ciência humana, não onde quer que o homem esteja em questão, mas onde quer que se analisem, na dimensão própria do inconsciente, normas, regras, conjuntos significantes que desvelam à consciência as condições de suas formas e de seus conteúdos (2007, p. 505).

Ou seja, para Foucault era evidente que só se podia falar do homem a partir daquilo que o constitui e, portanto, o precede, ou seja, a partir da estrutura, a partir das condições de possibilidade do conhecimento. Desse modo, para se pensar o sujeito a partir do projeto estruturalista e, sobretudo, a partir de *As palavras e as coisas*, faz-se necessário pensar, problematizar o que vêm a ser tais condições de possibilidade do conhecimento e o que estas condições engendram, como, por exemplo, a linguagem, pois ambas, a noção de sujeito e a da linguagem, estão implicitamente ligadas e por sua vez concatenadas sob a égide da estrutura. E é justamente em virtude desta hermética concatenação que se faz necessário elucidar o que vem a ser a noção de sujeito e conseqüentemente quais foram as condições de possibilidade que proporcionaram o seu surgimento no seio da modernidade como quer o projeto estruturalista e, sobretudo, a referida obra ora em questão.

Para que possamos pensar esse novo sujeito de conhecimento, no interior de *As palavras e as coisas*, faz-se necessária a referência a Kant. É evidente que essa nova concepção de sujeito, tal como podemos encontrar em *As palavras e as coisas* só foi possível para Foucault a partir da sua experiência de leitor dos textos kantianos. É em Kant que Foucault encontrará o dado caro à filosofia moderna e, por sua vez, caro a sua concepção de sujeito, a saber, a analítica da finitude. É somente a partir desse legado kantiano que será possível para Foucault pensar o sujeito moderno, como sujeito de conhecimento, histórico, datado, que traz em si a possibilidade do conhecimento e, concomitantemente, a do seu desaparecimento enquanto sujeito empírico.

As acusações direcionadas a Foucault e a sua obra insurgem-se efetivamente sobre essa nova noção de sujeito, sujeito como sendo estruturado pela estrutura, alguém dos processos geradores do conhecimento, sujeito esse regido por códigos estruturantes. Dir-se-á que se trata de um projeto anti-humanista que tende a descentralizar a noção de sujeito como geradora de sentido e conhecimento por uma noção antinômica, ou seja, a noção de sujeito gerado e regido pela estrutura, sujeito inconsciente. Esta crítica soma-se à ideia foucaultiana de que esse sujeito, tal como nós conhecemos, é datado, ou melhor, é recente e tem um fim próximo: “Pode-se estar seguro de que o homem é aí uma invenção recente” (Foucault, 2007, p. 536). E ainda: “[...] pode-se apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto na areia” (Foucault, 2007 p. 536). Ou seja, por mais clara que seja a opção de Foucault, mais controversa ela se nos apresenta; é como se para falar do nosso objeto fosse antes necessário destruí-lo, reduzi-lo. É justamente esse impasse que é preciso salientar, ou seja, como é possível falar do sujeito a partir daquilo que o precede, ou seja, da estrutura e consequentemente da linguagem? Não correremos o risco de tratarmos de outro objeto que não seja o sujeito? Ou então: a estrutura não seria ela uma dimensão ainda desconhecida do homem? Não seria ela um outro nome para este sujeito, um outro nome e uma outra face do homem, tal qual a noção controversa do inconsciente?

4. A noção de linguagem em *As palavras e as coisas*

Acresce-se à problemática em torno do sujeito no interior de *As palavras e as coisas* o problema concernente à linguagem. Em grande parte dessa obra, Foucault se debruça sobre a questão da linguagem. Cabe-nos, então, perguntar por que Foucault despende tanto tempo com ela? De fato, para Foucault a linguagem é central e constituinte das ciências humanas; para ele, elas também são linguagens. São linguagens por serem e comunicarem representações acerca do homem, tal como a economia, a biologia, a psicologia, a sociologia etc. Ou seja, as questões em *As palavras e as coisas* não estão de modo algum desconexas, muito pelo contrário, elas se completam num jogo de substituições e esquivas em que todas são regidas pela estrutura.

O que de fato se descortina para nós em relação à linguagem é não somente perguntar o que é a linguagem enquanto formadora das ciências do homem, mas perguntar como de fato a linguagem se voltou para este homem, para este ser finito. Nesse sentido, ao que tudo indica, a linguagem operou no que tange ao homem, um movimento reflexivo no qual o próprio homem foi posto diante de si, como aquele que vislumbra o seu rosto no espelho. É nesse sentido que a

linguagem parece reveladora desse homem moderno que passa a vislumbrar, por meio da linguagem, a sua própria finitude e aquilo que lhe está dado a conhecer.

Por outro lado, Foucault dirá no tocante ao ser da linguagem e ao ser do homem:

Mas pode ser também que esteja para sempre excluído o direito de pensar ao mesmo tempo o ser da linguagem e o ser do homem; pode ser que haja aí como que uma indelével abertura de tal forma que seria preciso rejeitar como quimera toda a antropologia que pretendesse tratar do ser da linguagem, toda concepção da linguagem ou da significação que quisesse alcançar, manifestar e liberar o ser próprio do homem (Foucault, 2007, p. 468).

E novamente nos vemos às voltas com Foucault. É inegável que há uma relação intrínseca entre a linguagem e o sujeito. É através da linguagem que é possível ao homem conhecer o mundo e a si, representar o seu pensamento, ter ciência da sua condição, da sua finitude. É esta relação entre o sujeito e a linguagem que revelou que este homem em questão é em toda a sua empiria finito e que, por sua vez, o seu conhecimento é também limitado, o que já denota de antemão certa concepção antropológica como quer, por exemplo, a analítica da finitude.

A linguagem é o único meio disponível para se chegar a certo conhecimento do homem, enquanto sujeito, e do mundo, enquanto fenômeno, pois o que há entre as palavras e as coisas? Há a linguagem. E é ela que é enunciada por este sujeito que é ao mesmo tempo seu enunciador e enunciado. É ela, a linguagem, que permite ao homem a ordenação e a representação do pensamento, portanto é impossível falar do homem sem falar antes da linguagem, pois não é o homem que pensa a linguagem, é a linguagem que pensa o homem, é ela que diz o sujeito, pois sem ela todo o acesso ao mundo estaria fadado à incomunicabilidade do universo fechado e desconhecido. Ou como bem caracterizou o professor José Luiz Fiorin: “Na medida em que o homem é suporte de formações discursivas, não fala, mas é falado por um discurso” (Fiorin, 2002, p. 44).

Dessa forma, para se conhecer esse homem, sujeito recente, é antes necessário debruçar-se sobre as malhas da linguagem. É ela o principal instrumento para pensar o homem. “É no nível do discurso que devemos, pois, estudar as coerções sociais que determinam a linguagem” (Fiorin, 2002, p. 16). E a esta ideia poderíamos acrescentar que os homens, uma vez determinados pelas coerções sociais, são moldados tal qual a linguagem de que eles fazem uso para construir imagens de si e da comunidade linguística à qual pertencem. Qual é a idade do homem? A idade da sua

língua. A língua é o rastro, ou se quisermos o registro mais antigo da sua atividade. Assim, para conhecer este sujeito, este formador e comedor de palavras, não é somente necessário o conhecimento da sua anatomia, das suas funções cerebrais, ou conhecer como funciona o olho humano, por exemplo, a retina, as células fotossensíveis que ali estão, ou antes, os seus hábitos sociais, mas, sobretudo, faz-se necessário o conhecimento da sua linguagem, do seu *modus operandi*, o seu manuseio dela, pois é justamente nela que é possível verificar a sua visão do mundo, como o mundo foi organizado por ele e consequentemente saber das miríades de comunidades linguísticas que o gênero humano foi capaz de formar e adentrar ao longo da sua aventura.

Com toda a certeza, Foucault vislumbrou essa noção, a de que para falar do homem é necessário antes e sobretudo se debruçar sobre a linguagem. É nela que ele inverteu a pesquisa acerca do homem, a pretensa ilusão de que o homem precede a tudo, de que ele, de posse da sua liberdade, cria línguas e linguagens para tornar comunicável o mundo. Pois, como Lineu no campo da botânica pôde empreender o seu sistema senão por meio da linguagem? Como Adam Smith pôde lançar os pilares da análise da riqueza a não ser por meio dela? Foi dessa maneira que Foucault percebeu, ao longo de *As palavras e as coisas*, que o homem não só tem a idade da sua língua, como é formado por ela, inserindo-nos numa espiral sem fim na qual falar do homem é falar da linguagem e, por sua vez, falar sobre a linguagem é falar de comunidades linguísticas existentes ou desaparecidas e, portanto, vemo-nos novamente falando do homem, ou melhor, desse sujeito complexo.

Assim, além de filósofo, historiador, ou teórico das práticas sociais, Foucault se mostrou capaz de analisar e dar a devida importância que a temática em questão exige, ou seja, para ele, a própria linguagem poderia ter sido encarada como uma prática social que, por vezes, é datada tal qual o homem, mas, sobretudo, tem em si a potência de se renovar a cada instante, construindo representações do mundo, do homem, traduzindo os pensamentos, estando em todos os lugares, sendo a rede na qual se tramam os discursos, pois o mundo é linguagem, e o próprio mundo e o homem são tornados sujeitos por meio dela, a partir da sua função sempre nova e renovada.

Devemos ressaltar que *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1966) faz parte do período arqueológico de Foucault e que este período é marcado por outras obras importantes como: *O nascimento da clínica*. (1963) e *Arqueologia do saber*, (1969), ou seja, o período arqueológico caracteriza até o início dos anos 1970 o método de pesquisa de Foucault. De posse dessa informação e da constatação de que as obras do autor nesse período carregam até em seus

títulos a marca da sua preocupação, como podemos ver nas referências em cada um deles ao termo arqueologia, podemos perguntar: o que vem a ser esse termo e qual é a sua característica? Judith Revel, comentando esse período específico da produção intelectual de Foucault, diz:

Ora, a arqueologia não é uma história no sentido estrito na medida em que trata de reconstituir bem um campo histórico, Foucault, na realidade, mobiliza diferentes dimensões (filosófica, econômica, científica, política etc) a fim de obter as condições de emergência dos discursos do saber geral de uma época dada (Revel, 2010, p. 79) [tradução nossa].

Assim, esse período revela sobretudo que Foucault se debruçou sobre as ciências humanas com a finalidade de caracterizar uma arqueologia geral. Ele tinha por ambição evidenciar o que era comum nas diferentes ciências humanas; não estava em questão simplesmente reconstituir dados históricos, ou cronológicos. Não se tratava de fazer uma história das ciências humanas, mas, ao contrário disso, adentrar cada uma delas e saber os seus interstícios, para, enfim, obter o elemento de ligação entre elas e, consequentemente, desvelar o saber característico, o saber geral de uma época, a sua *episteme*. Para tanto, Foucault, por meio do seu método arqueológico, não só realizou um corte transversal nas ciências do homem, mas, além disso, uma sutura, na qual, em relevo, a linguagem sobressai. Sobre este modo característico de proceder, sobre o seu método arqueológico, Judith Revel nos diz:

Esta articulação é, evidentemente, inteiramente histórica: ela possui uma data de nascimento – e toda a sua aposta consiste em considerar igualmente a possibilidade do seu desaparecimento (Revel, 2010, p 80) [tradução nossa].

Então, mediante a observação de Revel acerca do método sutural de Foucault, o método arqueológico, de que ele é inteiramente histórico e possui uma data de nascimento no interior do seu próprio pensamento, fica clara a guinada dada por Foucault a partir da década de 1970 e perceptível já a partir da sua aula inaugural no Collège de France, a saber, *A ordem do discurso*, na qual é evidente que a sua preocupação primeira é o discurso e a relação deste com o poder, ou seja, Foucault adentra profundamente a reflexão do discurso como prática social perpassada pela relação reguladora do poder e, consequentemente, suas instituições, e não mais sobre as relações estruturantes das ciências humanas.

Nesse período de transição no pensamento foucaultiano, marcado por sua obra *A ordem do discurso*

(1971), Foucault faz uma declaração interessante e ao mesmo tempo reveladora da intermitência do seu período anterior, período arqueológico, na sua experiência intelectual ao dizer:

Começo não haveria; e no lugar de ser aquele do qual vem o discurso, eu seria antes, ao acaso do seu desdobramento, uma estreita lacuna, o ponto do seu desaparecimento possível (Foucault, 2007, p. 8) [tradução nossa].

Ou seja, não se trata mais de uma arqueologia das ciências humanas, tal como em *As palavras e as coisas* e sim, como já mencionado acima, do discurso, porém ambas preocupações são regidas pelo signo do desaparecimento. Desaparecimento possível do autor, desaparecimento possível do homem, desaparecimento possível de um método, ou de uma aproximação metodológica e, enfim, desaparecimento possível das ciências humanas. Essa égide se deu pelo fato de que Foucault considerava todo o conhecimento finito, aproximado e, acima de tudo, datado. Como se o novo já nascesse velho, fadado a desaparecer, limitado ao instante da sua existência. Assim como o discurso é regulado por práticas de poder sempre novas, o mesmo se dá com as aproximações metodológicas. Novos dispositivos, novas tecnologias exigem novos métodos de análise e aproximação. E neste sentido mesmo o novo e o reiterado são por elas instaurados.

Nada é fixo no pensamento de Foucault. O seu sujeito não é o criador de sentidos. Mas antes é criado por códigos estruturantes e inconscientes que moldarão sujeitos a cada época. As ciências não estão separadas umas das outras, antes possuem e comunicam uma mesma *arché*. Neste sentido, a partir desse viés arqueológico das ciências e da linguagem engendrado por Foucault, fica clara a afirmação de Fiorin acerca da linguagem:

A linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição (Fiorin, 2002, p. 8).

Portanto, a partir deste momento tão especial, período de descoberta de uma arqueologia estruturante, a pesquisa acerca da linguagem ultrapassou *tópos* consagrados, como a linguística, a filosofia, o estudo da gramática e a sua história e até mesmo a análise do discurso. Assim foi ressaltada a importância da linguagem, reintroduzida, por sua vez, como preocupação fundamental no seio do programa estruturalista.

Ou seja, a linguagem como fenômeno complexo ultrapassa as diferenças e as barreiras entre as ciências do homem. Ela é este objeto de difícil apreensão, ela tudo permeia, não sendo objeto privilegiado de uma única ciência, ao contrário disso, todas as ciências podem fazer e fazem uso dela.

Nesse sentido falar da linguagem a partir de *As palavras e as coisas* é ter ciência de que se adentra não somente um terreno árduo, de análise cerrada, mas, além disso, é ter a sensação de adentrar um terreno movediço, ou um terreno onde tudo flui. Determinar o que vem a ser a linguagem é deveras difícil por conta da sua infinita abrangência, e esta infinita capacidade de tudo abarcar pode ser tida como a sua primeira característica. Roman Jakobson nos transmite a mesma ideia no seu esforço de determinar o que vem a ser a linguagem: “A linguagem é realmente a própria fundação da cultura. Em relação à linguagem, todos os outros sistemas de símbolos são acessórios ou derivados. O instrumento principal da comunicação portadora de informação é a linguagem” (Jakobson, 2003, p. 28) [tradução nossa]. Ou seja, a linguagem é tão abrangente que incorpora todos os outros sistemas de símbolos, ela abarca todos como bem salientou Jakobson, nela está contida a fundação mesma da cultura e é justamente por este fato que as palavras nunca dão conta de contê-la, de determiná-la completamente, pois ela, a linguagem, excede todas. É como se, para de fato conhecer o que é o caminho, fosse necessário caminhar ou se, para de fato conhecer o que é o mar, fosse necessário ser envolvido por ele. Ou seja, a linguagem contém tudo ao conter todas as coisas e nada a encerra. Entre as palavras e as coisas, neste espaço aparentemente vazio, existe a linguagem. No limite ela é o elemento que satura todos os elementos e que os engendra por meio do seu caráter multifacetário, e sem ela nenhum conhecimento talvez fosse possível e toda a comunicação jamais existiria.

Podemos dizer, desse modo, que a linguagem é a sutura por excelência que liga todas as coisas e que é por meio dela que as ciências humanas são conectadas. É também por meio dela que os homens são ligados às práticas sociais do discurso, do poder, da sexualidade, do cerceamento e das proibições. Mas, enfim, o que este termo *sutura* significa? O que quer dizer? Herman Parret, no seu livro *Sutures sémiotiques*, recupera esse termo de áreas que aparentemente nada teriam a acrescentar à discussão acerca da linguagem, como, por exemplo, a botânica.

Conhecemos evidentemente o sentido do termo sutura em cirurgia, um pouco menos o seu emprego na botânica. Uma sutura, em botânica, nos ensina o dicionário da língua francesa, é o nome dado às linhas geralmente pouco salientes que indicam os pontos onde

as rupturas aconteceram (Parret, 2006, p. 7) [tradução nossa].

Ou seja, sutura é a junção de partes na qual é visível a saliência que as une. Como já vimos, ao que tudo indica, é a linguagem que cumpre adequadamente esse papel. No limite, não há a linguagem e, sim, a sua prática de tudo ligar, concatenar, unir. A linguagem é, no limite, a atividade que tudo liga. Nesse mesmo exemplo de Parret sobre o termo sutura, podemos ver como a linguagem é intercambiável e transita livremente enviesando as mais diversas práticas sociais, perpassando para tanto as mais diversas esferas do campo social e sendo por elas determinada, ao mesmo tempo em que é determinante na construção do conhecimento. Um mesmo termo, até então utilizado numa ciência com um campo semântico bem definido, pode ser utilizado conferindo sentido numa outra esfera do conhecimento, como, por exemplo, na semiótica, sem uma clara defasagem de sentido. A função sutural da linguagem seria, então, a de sempre criar sentidos, possibilitando dessa forma a comunicação do conhecimento?

Assim temos que a linguagem é acima de tudo uma função. Podemos dizer que essa função, ou se quisermos, essa atividade percebida por Foucault possibilita não somente a representação do pensamento, mas possibilita a comunicação dos conhecimentos humanos. Foi somente ao transcorrer as ciências humanas que Foucault pôde perceber, e isto privilegiadamente em *As palavras e as coisas*, o que ligava e colocava as ciências humanas em relação. Por mais distintas que elas se apresentavam, todas deixavam o rastro que as uniam, ou seja, a sua relação sempre tributária do uso da linguagem. Como mostrado, isso só foi possível por meio do processo arqueológico no qual as palavras e as coisas são parte essencial.

Não é sem propósito que Foucault começa a sua obra ora em questão com a análise do quadro “As meninas”, de Velásquez. É como se esse primeiro capítulo já contivesse ou fosse um resumo do que viria ao longo das páginas seguintes. Uma representação da representação. Um duplo. E o que é a linguagem, senão esta função de tudo representar? Este olho que não se cansa de ver? Representações serão sempre datadas. Carregam sempre a marca da sua indelével contemporaneidade. Nada mais são que registros. E nesse infundável processo de tudo representar, cabe tudo, as ciências, as divagações, tudo que se pode nomear, pois por detrás da linguagem, da sua função, está como disse Jakobson o fundamento da cultura.

Portanto, vê-se o quão hermeticamente concatenados estão, no pensamento de Foucault, o sujeito e a linguagem, essa indissociável relação é perceptível na leitura da obra em questão. Mas podemos dizer que, para além do homem, o que está em questão é a nossa recente cultura de tudo centrar no homem, e é

justamente isso que está em questão, essa história da cultura, do nosso olhar sobre as coisas, essa história do mesmo. Trata-se de fazer uma crítica do nosso modo de ver e organizar o mundo, de ter a ciência de onde vieram e de como foram forjados os nossos conhecimentos acerca de tudo o que nos rodeia. Trata-se ao mesmo tempo de uma experiência de estranhamento que engendra o riso. Riso, que é signo do desarranjo, do outro, que nos interpela. No fundo, o que está em questão é o peso da nossa presença, da nossa marca, pois o que é ser finito senão experimentar esse peso?

É inegável que a obra *As palavras e as coisas* trata de um mergulho nas ciências humanas empreendido pelo seu autor. E é justamente por isso que ela está impregnada do peso moderno que recai sobre nós, uma vez que trata essencialmente do nascimento do homem enquanto sujeito do conhecimento. Trata-se essencialmente de uma dialética do mesmo e do outro, experiência fundadora da cultura moderna, experiência do conhecimento que exige, para ser instaurado, diferentes modos de organização. Diferentes modos de se pôr no mundo, de organizar o mundo. *As palavras e as coisas* evidencia que a modernidade teve início a partir de uma profusão no modo de representar o mundo e tudo o que ele encerra. Portanto, é exatamente por isso que Foucault despendeu tanto tempo na pesquisa desse período, pois ele tinha a ciência que fora dele é que foi possível forjar o nosso conhecimento acerca do homem e das ciências que o constituem.

Esperamos que, com estas econômicas palavras, tenhamos tido o êxito de evidenciar a relação existente entre o sujeito e a linguagem e contribuir minimamente com a pesquisa acerca não somente da experiência intelectual de Michel Foucault, da sua importância para a filosofia contemporânea, mas, sobretudo, esperamos ter contribuído no que este pensamento foi capaz de fazer avançar a pesquisa nas humanidades, tais como a filosofia, a história, a semiótica, a psicanálise, pois sabemos que de uma maneira ou de outra essas ciências foram marcadas pelo pensamento de Michel Foucault, principalmente no que tange a relação dessas ciências com a linguagem. ●

Referências

- Fiorin, José Luiz
2002. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.
- Foucault, Michel
1966. *Les mots et les choses*: Une archéologie des sciences humaines. Paris: Éditions Gallimard.
- Foucault, Michel
1971. *L'ordre du discours*: Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 de decembre 1970. Paris: Éditions Gallimard.

- Foucault, Michel
2007. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jakobson, Roman
2003. *Essais de linguistique general*. 1. Les fondations du langage. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Maniglier, Patrice
2009. A aventura estruturalista. *Revista de Antropologia estrutural dos alunos do PPGA-USFCAR*, v.1, n.1, p. 9-15.
- Parret, Herman
2006. *Sutures sémiotiques*. Limoges: Editions Lambert-Lucas.
- Revel, Judith
2010. *Foucault, une pensée du discontinu*. Paris: Mille et une nuits.

Dados para indexação em língua estrangeira

Pereira, Everton Almeida

Sujet et langage dans *Les mots et les choses*, de Michel Foucault

Estudos Semióticos, vol. 7, n. 2 (2011), p. 94-101

ISSN 1980-4016

Résumé: Riche à bien des égards, l'œuvre de Michel Foucault marque la réflexion de plusieurs philosophes et penseurs contemporains, tels que Gilles Deleuze, Jürgen Habermas, Jean Baudrillard, Maurice Blanchot etc. Elle se fait remarquer par la minutie de ses analyses critiques portant tour à tour sur l'analyse du bio-pouvoir, de la sexualité, de la société du contrôle, de même que par son apport aux études du langage et des sciences humaines. Foucault est toujours demeuré inclassable, vu la pluralité des thèmes touchés par son œuvre foisonnante. Une telle diversité ne devrait pourtant pas cacher la place centrale occupée dans sa pensée par le thème du langage et particulièrement dans les rapports de celui-ci avec le sujet, dont témoigne l'ouvrage *Les mots et les choses*. C'est cette relation entre le sujet et le langage au sein des mots et des choses qui fera l'objet des réflexions du présent article, cette relation se retrouvant au cœur de la pensée de Michel Foucault non seulement lorsqu'il s'agit de mieux comprendre le sujet en tant que produit de la modernité mais, au-delà, pour mettre en cause le statut des sciences humaines ou sciences de l'homme, établies par l'intermédiaire du langage et, par voie de conséquence, par le rapport admis entre celui-ci et le sujet.

Mots-clés: langage, sujet, Michel Foucault

Como citar este artigo

Pereira, Everton Almeida. Sujeito e linguagem em *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2011, p. 94-101. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 15/12/2010

Data de sua aprovação: 16/02/2011
